



**CENTRO DE HUMANIDADES - OSMAR DE AQUINO  
CAMPUS III – GUARABIRA  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA**

**Metodologias do Ensino de Geografia (Ensino fundamental e médio)**

**ANA PAULA TARGINO DA SILVA**

**LINGUAGEM VISUAL FOTOGRÁFICA: UM RECURSO METODOLÓGICO PARA  
REPRESENTAÇÃO SOCIOESPACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

**GUARABIRA/PB**

**2020**

**ANA PAULA TARGINO DA SILVA**

**LINGUAGEM VISUAL FOTOGRÁFICA: UM RECURSO METODOLÓGICO PARA  
REPRESENTAÇÃO SOCIOESPACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Campus III, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Geografia. Linha de Pesquisa: Metodologias do Ensino de Geografia (Ensino fundamental e médio).

Orientador: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues.

**GUARABIRA/PB**

**2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Ana Paula Targino da.  
Linguagem visual fotográfica [manuscrito] : um recurso metodológico para representação socioespacial no ensino de Geografia / Ana Paula Targino da Silva. - 2020.  
39 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.  
"Orientação : Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues , Coordenação do Curso de Geografia - CH."  
1. Linguagem fotográfica. 2. Geografia. 3. Metodologia de ensino. I. Título

21. ed. CDD 910

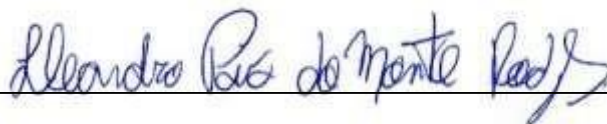
**ANA PAULA TARGINO DA SILVA**

**LINGUAGEM VISUAL FOTOGRÁFICA: UM RECURSO METODOLÓGICO PARA  
REPRESENTAÇÃO SOCIOESPACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia na forma de Monografia, requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em 14/12/2020

Banca Examinadora



Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues – UEPB/DG/CH  
Orientador (Doutor em Geografia pela UFRN)



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto – UEPB/DG/CH  
Examinador (Doutor em Sociologia pela UFPB/UFCG)



Prof. Dra. Luciene Vieira de Arruda – UEPB/DG/CH  
Examinadora (Doutora em Agronomia pela UFPB)

**GUARABIRA/PB**

**2020**

### **Dedicatória**

A Deus por me dar forças, ao meu querido e eterno avô  
Vicente Manoel Targino e ao meu querido professor Carlos  
Antônio Belarmino Alves (*in memória*)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por estar sempre comigo, me dando força, saúde, inteligência, coragem e determinação para conseguir vencer mais essa etapa, apesar de todos os obstáculos e adversidades encontradas ao longo desta caminhada. E por não me deixar desistir, diante das provações.

Agradeço aos meus pais, Francisco de Assis da Silva e Maria José Targino da Silva, que buscaram me incentivar, a cada dia, para que eu realizasse esse sonho. Ao meu amado esposo José de Arimateia, que sempre esteve ao meu lado me apoiando, e a nossa filha Maria Eloísa que é nossa alegria e motivação diária.

Ao meu tio, aos meus irmãos, aos meus sobrinhos, ao meu avô eternamente serei grata por tanta força e ajuda nesta caminhada, aos meus sogros, as minhas colegas de idas diárias, Jéssica, Maria Dayane e Erica, que, mesmo com medo, fomos nos aventurando nas caronas para chegar até Guarabira/PB. Aos irmãos postigos que me adotaram Aryan e Maria Aparecida, que sempre me apoiaram e me deram força diante das dificuldades.

A turma 2015.2 tarde, pela amizade, pelos bons momentos e pelas experiências vividas e compartilhadas ao longo desses anos. A Janielly Taísa, Cícero Rocha e Damiana Galdino minha gratidão por me oferecerem suas casas para que eu pudesse realizar monitorias e me manter no curso.

A todos os professores, que contribuíram para a minha formação acadêmica e profissional, dando apoio e orientações de como seguir na carreira de docente. Ensinar que ser professor (a) não é tarefa fácil, mas com dedicação e muito estudo, é possível alcançar tal objetivo. Agradecer também à banca examinadora, professora Luciene Vieira de Arruda que muito contribuiu na minha trajetória acadêmica; ao professor Belarmino Mariano Neto, que sempre orientou a trilhar por caminhos inovadores e que analisaram o meu trabalho com atenção e dedicação.

Ao meu orientador Leandro Paiva do Monte Rodrigues, pela disposição, ensinamentos, incentivos e por ter aceitado orientar esse trabalho. Agradeço por todo o conhecimento construído ao longo dessa etapa e durante a pesquisa.

*Eu queria ter na vida simplesmente  
Um lugar de mato verde  
Pra plantar e pra colher  
Ter uma casinha branca de varanda  
Um quintal e uma janela  
Para ver o sol nascer*

*(Gilson Campos)*

## **043 – GEOGRAFIA**

SILVA, Ana Paula Targino da. **Linguagem visual fotográfica: um recurso metodológico para representação socioespacial no ensino de Geografia.** Trabalho de conclusão de curso, orientado pelo prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (UEPB/DG/CH), 2020, 39p.

**LINHA DE PESQUISA:** Metodologias do Ensino de Geografia (Ensino fundamental e médio)

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (UEPB/DG/CH)

**BANCA EXAMINADORA:** Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB/DG/CH)

Prof. Dra. Luciene Vieira de Arruda (UEPB/DG/CH)

### **RESUMO**

A “fotografia”, enquanto mediadora dos conteúdos abordados em sala de aula, dispõe de potencialidades junto à Ciência Geográfica que possibilitam o processo de ensino-aprendizagem. Com isso, objetiva-se analisar a importância do recurso linguagem fotográfica, visando compreender as formas de representações geográficas presentes no cotidiano dos estudantes, partindo-se de suas percepções subjetivas. A referida pesquisa é resultado de práticas metodológicas desenvolvidas através do Programa Residência Pedagógica, financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Trata-se de um relato de experiência com o uso da linguagem visual fotográfica realizada na turma do 6<sup>a</sup> B, no Centro Educacional Osmar de Aquino (CEOA), em Guarabira/PB. Para embasamento teórico, buscamos suporte em alguns autores como Secatto e Nunes (2013) Cacete e Nunes (2009), Carlos (2008), Callai (2016), Kaercher (2006), Mosé (2013), entre outros. Como resultado obteve-se um conjunto de elementos que foram observados durante as abordagens dos conteúdos em sala, que passam pelo processo de inovação do ensino de Geografia. Nessa perspectiva, uma nova postura para interpretação das fotografias a partir do entendimento dos estudantes do ensino básico, os quais enfatizaram os fatores ambientais, sociais e culturais.

**Palavras-chave:** Linguagem fotográfica. Geografia. Metodologia de ensino.



## **043 - GEOGRAPHY**

**TITLE:** LINGUAGEM VISUAL FOTOGRÁFICA: A METHODOLOGICAL RESOURCE FOR SOCIOESPATIAL REPRESENTATION IN GEOGRAPHY TEACHING

**RESEARCH LINE:** Methodologies of Geography Teaching (Elementary and High School)

**AUTHOR:** SILVA, Ana Paula Targino da

**ADVISOR:** Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (UEPB/CH/DG)

**BANK EXAMINER:** Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB/DG/CH)

Prof. Dra. Luciene Vieira de Arruda (UEPB/DG/CH)

### **ABSTRACT**

“Photography”, as a mediator of the content covered in the classroom, has potentialities with Geographic Science that enable the teaching-learning process. With this, the objective is to analyze the importance of the photographic language resource, aiming to understand the forms of geographic representations present in the students' daily lives, starting from their subjective perceptions. This research is the result of methodological practices developed through the Pedagogical Residency Program, funded by CAPES (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel). This is an experience report with the use of visual photographic language performed in the 6th B class, at the Osmar de Aquino Educational Center (CEOA), in Guarabira / PB. For theoretical support, we sought support from some authors such as Secatto and Nunes (2013) Cacete and Nunes (2009), Carlos (2008), Callai (2016), Kaercher (2006), Mosé (2013), among others. As a result, a set of elements was obtained that were observed during the approaches to the content in the classroom, which go through the process of innovation in the teaching of Geography. In this perspective, a new posture for the interpretation of photographs from the understanding of students in basic education, who emphasized environmental, social and cultural factors.

**Keywords:** Photographic language. Geography. Teaching methodology.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Exploração prévia com os alunos.....	28
<b>Figura 2:</b> Momento em frente da escola.....	29
<b>Figura 3:</b> Imagem de uma árvore disputando espaço com o concreto dos prédios	31
<b>Figura 4:</b> A árvore mais bonita do meu sítio.....	32
<b>Figura 5:</b> A realidade na minha escola (CEOA, Guarabira/PB).....	33
<b>Figura 6:</b> Exposição de suas obras fotográficas, no CEOA, Guarabira/PB.....	35

## LISTA DE QUADRO

<b>Quadro 01:</b> Atividade com o uso da linguagem fotográfica.....	16
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>PRP</b>	Programa de Residência Pedagógica
<b>PNLD</b>	Programa Nacional do Livro Didático
<b>PCNs</b>	Propostas Curriculares Nacionais
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>PB</b>	Paraíba
<b>CEOA</b>	Colégio Estadual Osmar de Aquino
<b>CH</b>	Centro de Humanidades
<b>UEPB</b>	Universidade Estadual da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>15</b>
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>17</b>
3.1 ESPAÇO E PAISAGEM: A IMPORTÂNCIA DOS CONCEITOS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA .....	17
3.2 O LIVRO DIDÁTICO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO NA AULA DE GEOGRAFIA .....	19
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>22</b>
4.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA E O USO DE IMAGENS NA SALA DE AULA.....	22
4.2 CARACTERIZAÇÃO GERAL DO CENTRO EDUCACIONAL OSMAR DE AQUINO (CEOA), GUARABIRA/PB .....	26
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A linguagem visual fotográfica está cada vez mais presente na sociedade atual, trata-se de um mecanismo sensitivo para observar e interpretar a subjetividade das relações sociais e espaciais. Secatto e Nunes (2013) ressaltam que, antes mesmo da invenção da escrita, o ser humano pré-histórico desenvolveu a linguagem visual (evidentemente, a fotografia ainda não existia, como veremos a seguir) para se comunicar com os membros do seu grupo ou com outros grupos, usando de imagens desenhadas nas rochas, chamadas de “pinturas rupestres”.

Na ciência geográfica a paisagem é tudo aquilo que nossa vista pode alcançar, ou seja, é até aonde a vista pode alcançar. Entretanto, não podemos encarar a paisagem de forma reducionista, uma vez que as paisagens se modificam, se descaracterizam, são concretas, mas também podem ser subjetivas, pois cada pessoa dá um significado a paisagem, e a percebe e interpretar de forma particular.

De acordo com os autores supracitados a escola apresenta um currículo com os conteúdos separados. Os assuntos são organizados isolados um dos outros, como se os fenômenos sociais e físicos ocorressem de modo independente e isolados no espaço geográfico, que é uma falsa verdade. Os espaços geográficos estão sendo construídos e formados seguindo ordens múltiplas, obedecendo a vários agentes que, através de interesses individuais ou coletivos, especializam o espaço, dão formas, estruturas e características a uma lógica eminente aos seus desejos.

Os lugares são feitos pelos seus participantes ativos que moldam a paisagem física e social de acordo com seus desejos. “Os jovens produzem espaços e conhecem a espacialidade das cidades, mas pode-se supor que esse conhecimento se aproxima das referências empíricas[...], porém, com pouca consciência desses processos” (CAVALCANTI, 2002. p. 71).

Na perspectiva educacional, a fotografia tem uma função importante, como se trata de representar a realidade social, e, ainda sendo visível aos estudantes, pode se apresentar com vários significados. No nosso entendimento pode dar inúmeras contribuições para o ensino de Geografia, pois é um recurso acessível, tendo em vista que boa parte dos estudantes e professores tem um telefone celular com capacidade de fotografar, gravar áudios e fazer vídeos.

Ao dispor de fotografias que possam fazer essa relação entre representações da realidade real captadas pelas lentes dos celulares com o assunto abordado, o

professor têm em mãos um recurso didático capaz de facilitar a aprendizagem do conteúdo e deixar a aula mais interativas. A linguagem fotográfica de uma determinada paisagem, seja ela urbana seja ela rural, abarque uma rua ou campo de plantações agrícolas, erosão do solo, e tantos outros exemplos, pode tornar a informação mais acessível aos estudantes, visto que eles conseguem correlacionar melhor o conteúdo com a realidade. a realidade.

Todas as linguagens têm seu potencial para proporcionar um ensino de qualidade, independente de qual metodologia, seja ela tradicional ou não. De modo crítico, a linguagem fotográfica permite analisarmos realidades sem necessariamente estarmos inseridos nela. Por meio de imagens podemos apresentar realidades que não são do cotidiano dos estudantes, mas que podem fazer parte da formação social deste, além de conhecer outros lugares que, talvez, nunca iremos até eles.

Esta é a realidade de muitos estudantes do ensino básico da educação pública, neste caso, estudantes do Centro Educacional Osmar de Aquino em Guarabira/PB que, na maioria das vezes, não têm a oportunidade de fazer atividades de campo.

Sabendo das condições financeiras de muitas escolas, percebe-se as possibilidades oferecidas pelo uso de fotografias e imagens e seu potencial como recurso metodológico, principalmente na/para a Geografia. Como sabemos, a Geografia se configura como uma disciplina que analisa e discute categorias, as quais são de extrema relevância retratar, (além de interpretar e descrever). Ao dispor de imagens fotográficas que possam fazer essa ponte entre a ficção e a realidade, o acessível e o não acessível, temos uma forma mais interativa de estudar os fenômenos geográficos e como estes interagem no dia-a-dia dos estudantes.

Dito isto, faz-se necessário pontuar algumas questões: a) como são as aulas na escola estudada, sobretudo, qual a metodologia de ensino usada para o ensino de Geografia? b) quais os recursos e materiais disponíveis para o professor de Geografia ministrar as aulas? c) a escola estudada dispõe de recursos financeiros para viagens educativas, de lazer ou de campo com os seus estudantes?

Desta forma, pretende-se nesta pesquisa analisar a importância do uso da linguagem fotográfica para o ensino de Geografia no Centro Educacional Osmar de Aquino, visando compreender as formas de representações geográficas presentes no cotidiano dos estudantes, partindo-se de suas percepções subjetivas da paisagem vivida.

Os objetivos específicos listados são: a) analisar como aparece o conceito de passagem no livro didático e como são as aulas de Geografia no Centro Educacional Osmar de Aquino, com foco para o conceito de paisagem; b) estudar a real eficácia da linguagem fotográfica para o ensino de Geografia; c) estudar como os estudantes compreende as paisagens vivenciadas no dia-a-dia a partir do uso da linguagem fotográfica.

A linguagem fotográfica aqui discutida pretende evidenciar suas potencialidades para o ensino de Geografia, levando em consideração as percepções dos estudantes do ensino fundamental do Centro Educacional Osmar de Aquino.

Acreditamos que, através do recurso fotográfico, os estudantes buscaram reproduzir a realidade vivenciada no trajeto casa - escola, escola - casa. E, junto a essa reprodução da realidade, buscou-se desconstruir a ideia de que a Geografia estuda/interpreta conceitos prontos da natureza, chamando a atenção para a ideia de que a Geografia faz parte do cotidiano, relacionando-se com o meio em que vivem os estudantes, fazendo uma relação direta da interação deles com o espaço vivido.

Neste viés percebemos o potencial desta ferramenta e agregamos a este conhecimento, outros em que podemos discutir na Geografia. As possibilidades de se fragmentar e reconstruir essa ideia de análise geográfica é disposta a partir dessa percepção do aluno em fotografar, como por exemplo: árvores, casas comerciais ou residenciais, problemas de ordem ambiental, urbano ou social.

Pontes são construídas a partir da interação do aluno com o recurso didático, no caso a linguagem fotográfica. A ideia de usar a fotografia como recurso para compreender fenômenos geográficos, como uma na qual o aluno está inserido, além de proporcionar uma relação maior dos estudantes com o seu percurso diário, os fazendo perceber objetos, concretos e abstratos que passavam despercebidos, fazem os estudantes enxergar a Geografia como parte do seu cotidiano.

O interesse em trabalhar com o ensino de Geografia começou quando estudava a cadeira de Metodologia do Ensino I e II, onde, constantemente, éramos provocados pelo professor da disciplina a pensar como contribuir para um melhor ensino de Geografia no ensino fundamental e médio.

Posteriormente com as cadeiras de estágio supervisionado, foi possível colocar em prática todo aprendizado na formação de professores, bem como enxergar diversas possibilidades e práticas de ensino.

O desejo em trabalhar com a temática foi reafirmado quando tivemos a oportunidade de participar como bolsista do Programa de Residência Pedagógica (RP) oferecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) durante 18 meses entre 2018 e 2019.

No curso de Licenciatura em Geografia nas componentes curriculares de Metodologia do Ensino I e II e nos estágios supervisionados, nasceu o desejo em contribuir para um melhor ensino de Geografia, e foi no RP que pudemos vivenciar a prática docente com mais efetividade. Com esta oportunidade foi possível conhecer novos recursos didáticos para o ensino de Geografia, o que contribuiu para trabalhar com a linguagem fotográfica, em busca da realização de aulas mais dinâmicas, com mais participação dos discentes.

Nesse contexto, apresentamos neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) algumas das atividades docentes desenvolvidas no Programa de Residência Pedagógica, no sentido de contribuir para o ensino de Geografia.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, incluindo a introdução e as considerações finais. O segundo capítulo trata-se dos procedimentos metodológicos, no qual destacamos os autores que nos embasaram, seguido de uma explanação das experiências adquiridas no Programa Residência Pedagógica. O terceiro capítulo apresenta a revisão de literatura pesquisada, tecida pelos conceitos-chaves da pesquisa, entre os principais o de paisagem. E ainda fizemos consideração ao livro didático e o ensino de geografia nas escolas no mundo da tecnologia digital.

O quarto capítulo representa a base da nossa pesquisa, que é um relato de experiência na turma do 6<sup>a</sup> ano B. A intenção foi contribuir para a formação dos professores de geografia e áreas afins, mostrando a necessidade de fomentar novas metodologias e inserir os mais diversos tipos de linguagens na disciplina de geografia, no caso em especial, a linguagem fotográfica. Por último, tecemos as considerações finais, fazendo apontamentos ao ensino de Geografia, o qual precisa ser alicerçado em outros códigos metodológicos, superando os rótulos atribuídos ao livro didático.



## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O referido trabalho é fruto de práticas metodológicas desenvolvidas através do Programa de Residência Pedagógica, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no âmbito da Universidade Estadual da Paraíba, no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, do Centro de Humanidades (CH). Na oportunidade foi sistematizada na turma do 6<sup>a</sup> ano B, no Centro Educacional Osmar de Aquino, localizado na cidade Guarabira/PB. O trabalho trata-se de um relato de experiência dado os seus respectivos componentes: a) observações, prática em sala de aula, participações reflexivas; b) e revisão bibliográfica em autores que abordam à temática.

Os autores revisados foram Secatto e Nunes (2013) Cacete e Nunes (2009), Carlos (2008), Callai (2016), Kaercher (2006), Mosé (2013). Oliveira Jr (2009) ressalta que os próprios PCN's (Propostas Curriculares Nacionais) sugerem a inserção de várias linguagens no Ensino Básico, como por exemplo, a linguagem visual fotográfica. A inserção desta linguagem proporciona aulas mais dinâmicas e instigantes à medida que leva a interpretação e a discussão das paisagens dos lugares capturados pelas lentes dos estudantes.

Para isso, buscamos amparo nas palavras de Secatto e Nunes (2013, p. 339) quando apontam:

A importância da linguagem fotográfica no ensino de Geografia, destacando que esta linguagem deve assumir um papel potencializador no processo de ensino-aprendizagem, propiciando a produção de conhecimentos, ao invés de ser entendida como mera ilustração dos conteúdos pré-estabelecidos curricularmente (SECATTO; NUNES, 2013, p. 339).

Após o selecionamento teórico, partimos para colocar em prática a metodologia proposta que, no caso, se deu através da inserção dos aparelhos celulares e/ou máquina fotográfica. Os estudantes foram orientados a utilizarem essas tecnologias para fotografar determinadas paisagens, sendo que estas deveriam ter alguma relação com o conteúdo abordado em sala e que nos permitisse fazer um debate acerca da fotografia. Neste dia estavam presentes aproximadamente 28 estudantes, os quais se mostraram bem motivados com a atividade.

A atividade foi sistematizada em cinco momentos, pelos quais buscou-se atingir os propósitos desejados, como está organizada a seguir (Quadro 01):

**Quadro 01: Atividade com o uso da linguagem fotográfica**

1º momento	Exploração prévia do conteúdo “Biomias do Brasil: caatinga, campos e pampas.
2º momento	Triagem de quem possuía aparelho celulares e/ou máquina fotográfica.
3º momento	definição do trajeto ao qual os estudantes poderiam fazer as fotografias.
4º momento	Exposição das fotografias.
5º momento	Debate coletivo, buscando fazer com que os estudantes construíssem um olhar geográfico e crítico sobre a fotografia que os mesmos trouxeram para a exposição.

Fonte: Organizado por Silva, 2020

Devemos lembrar que os estudantes ficaram livres para fotografar qualquer paisagem, desde que fosse retirada no percurso de sua casa para a escola a qual estudam. Os propósitos da atividade foi inserir o uso das tecnologias enquanto um recurso metodológico na disciplina de Geografia, levando os discentes a construir um olhar aguçado da realidade a partir da linguagem visual fotográfica.

A realização da intervenção nas aulas de geografia foi concretizada com 2% da turma, o que equivale a 4 (quatro) estudantes. Supõe-se que alguns fatores podem ter influenciado diretamente o número baixo de estudantes que conseguiram cumprir com o que foi solicitado, os quais destacam: a política de restrições interna da escola, pois os estudantes não podiam fazer o uso de aparelhos celulares na escola e nem acessarem à *internet* por outros meios eletrônicos; esquecimento de parte da turma em fazer o uso dos aparelhos indicados e repassar as fotografias pelos meios digitais.

Por outro lado, a exposição das fotografias oportunizou os demais estudantes a observarem os registros fotográficos feitos pelos colegas e gerou distintas percepções em relação as paisagens apresentadas, bem como despertou curiosidade naqueles que não realizaram tal atividade. Em função do curto tempo que tivemos, não foi mais possível repetir esta proposta.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo versa sobre o norte teórico da pesquisa, apresentando alguns resultados da revisão de literatura. Discutiremos alguns conceitos chave para o andamento da pesquisa, entre os principais, o conceito de paisagem, que é a base conceitual do nosso estudo. Ainda será posto em destaque a discussão sobre os rumos do ensino de Geografia nas escolas, e este são de suma importância para responder questões pertinentes ao nosso objeto de estudo, o uso da linguagem fotográfica para o ensino de Geografia.

#### 3.1 ESPAÇO E PAISAGEM: A IMPORTÂNCIA DOS CONCEITOS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Santos (2008, p.106) explica que, “a natureza do espaço é formada, de um lado, pelo material acumulado das ações humanas, através do tempo, e, de outro lado, animados pelas ações atuais que hoje lhe atribuí um dinamismo e uma funcionalidade. Os movimentos da sociedade atribuem novas funções as formas geográficas, transforma a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e, ao mesmo tempo, novos pontos de partida para um novo movimento”.

De forma prática, Santos diz que (2008, p. 103) “a paisagem é apenas uma porção ou parte da configuração territorial que é possível abarcar com a visão”. Portanto, a paisagem compreende um conjunto de objetos-concretos. É um sistema material, pois, a paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém, coexistindo em um momento atual.

Partindo dessa compreensão dada por Santos (2008), percebemos o centro histórico de João Pessoa e seus prédios modernos coexistindo na mesma cidade, isto é, casarões, prédios antigos, fábricas, casebres, igrejas antigas estando lado a lado com prédios e arranha-céus novos e modernos. Segundo o autor a paisagem se apresenta neste contexto de modo dialético, por que implica “na existência do “velho” e o “novo” presentes no mesmo espaço, onde nos revela as relações sociais materializadas no espaço. O que se observa é a paisagem refletido do lugar.

Para Suertagaray (2002, S/P) a paisagem “permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja o da conjunção de elementos naturais e tecnificados, sócio-econômicos e culturais”. Ela continua sua explicação afirmando

que “a paisagem pode ser analisada como a materialização das condições sociais de existência diacrônica e sincronicamente. Nela poderão persistir elementos naturais, embora já transfigurados (ou natureza artificializada)”. Nesse sentido, as abstrações do mencionado conceito objetivam compreender a interação dos objetos com as ações sociais numa perspectiva econômica e cultural manifestada nos espaços.

Os espaços geográficos estão sendo construídos e formados seguindo ordem múltiplas, obedecendo a vários agentes que, através de seus interesses individuais ou coletivos, fragmentam o espaço e dão formas físicas e subjetivas. Cavalcanti (2013) ressalta que os lugares são feitos pelos seus participantes ativos que moldam a paisagem física e social de acordo com seus desejos.

Dito isto, reforça a importância do professor para mediatizar esses conhecimentos superficiais dos estudantes com os conteúdos curriculares, visando desenvolver uma consciência mais profunda a respeito de sua realidade. Kimura explica (2008, p. 180) que o “professor de Geografia que busca medir o diálogo dos alunos com a realidade pode ajudá-los a apreender o significado dos movimentos sociais”. Segundo Kaercher (2006) este processo pode contribuir para que os estudantes compreendam qual a importância do espaço na sua formação social e espacial que ele se encontra inserido (casa, cidade, rua, trabalho, etc.).

É preciso haver uma mudança metodológica que altere a relação professor-aluno, relação esta que, via de regra, continua fria, distante e burocrática. É preciso haver também uma postura renovada de maior diálogo, não só entre professor e aluno, mas como o próprio conhecimento (KAERCHER, 2006, p 222).

Tem que haver inovações na forma de ensinar Geografia, levando para sala de aula as mídias digitais de fácil acesso, como fotografias, músicas, filmes, vídeos, tão presentes e usuais na vida dos estudantes dessa geração atual. É necessário romper com o modelo tradicional de ensinar geografia, baseado nos manuais didáticos ofertados pelas/nas escolas, os quais trazem um conteúdo descritivo e limitado.

Devemos ensinar mais nossos alunos (e nos mesmo) a duvidarem do que se ouve e lê, inclusive nos livros e na televisão, para que os alunos percebam que não estamos, quando damos aulas, ensinando doutrinas, verdades absolutas, mas sim estamos construindo um conhecimento novo a partir do que já temos falado (a fala do professor, do aluno, o livro, os meios de comunicação etc) (KAERCHER, 2006, p. 222).

Cabe ao professor de geografia propor alternativas metodológicas viáveis e que estas contemplem o contexto social vivenciado pelos estudantes fora do ambiente escolar. Para isso, é primordial que o professor se permita ter novas experiências no ensino, encarando e superando os desafios que estarão postos nesse processo.

### 3.2 O LIVRO DIDÁTICO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO NA AULA DE GEOGRAFIA

Discorre sobre o livro didático um preconceito no seu uso para as práticas de ensino, criando uma imagem de que o mesmo traz no seu conteúdo um conhecimento descritivo e limitado, que por sua vez, sua utilização limita a didática do professor em sala de aula. Entretanto, será mesmo o livro didático um “vilão”, culpado da ineficiência do professor? Deve-se fazer uma reflexão dialética sobre essa indagação. Ao debruçar sobre essa questão, notou-se que, há sobre o livro didático um julgamento exagerado, atribuindo a monotonia das aulas a ineficiência deste recurso, um discurso potencializado pelo professor e aluno em relação ao tal.

Consequentemente, surge um novo desafio na docência: como muitos dos professores, ancorados em uma forma de ensino pautado exclusivamente no livro didático e metodologias de ensino tradicionais, podem inserir e se adequar as novas ferramentas tecnológicas/metodológicas como um elemento dinamizador de suas aulas, especialmente as de Geografia?

Na sociedade tecnológica a qual estamos vivendo, as tecnologias despertam o interesse dos estudantes e lhes proporcionam o “acesso as informações”, que há muito tempo estiveram distantes. No cenário cada vez mais tecnológico em que vivemos, onde os instrumentos tecnológicos são inseridos de forma avassaladora na sala de aula pelos estudantes, somente as informações proporcionadas através dos livros didáticos, não tem sido o bastante para muitos estudantes. Também, as aulas como um todo, não ganham a mesma atenção dos estudantes como os celulares por exemplo.

É importante ressaltar que alguns paradigmas estão presentes hoje na educação, e que precisam ser rompidos, não somente o do livro didático, mas também, as dificuldades dos professores que tem uma formação superior mais antiga, e estão a mais tempo em sala em comparação aos instrumentos tecnológicos da

atualidade. Como não conhecem muitas das tecnologias disponíveis, os professores não as usam em sala de aula, tornando-se um obstáculo na docência de muitos professores que não nasceram inseridos no meio tecnológico dos estudantes de hoje. Em muitos casos, mantendo o mesmo modelo de aula de 20 a 30 anos atrás.

Alguns autores ressaltam que a monotonia nas aulas da escola, está relacionada diretamente com o livro didático. Entretanto, o livro didático por ser um dos recursos presente e indispensável na sala de aula, visa possibilitar ao professor apoio para uma mediação coerente com as ferramentas tecnológicas atuais, impulsionando uma melhor compreensão dos conteúdos abordados. Contudo, este recurso tem sido cada vez mais utilizado como um manual e a única ferramenta para ser seguido à risca, conforme Tonini (2011):

Embora o bombardeamento das outras formas de comunicação, do impacto das novas tecnologias, da existência de uma nova sociedade multimidiática e plural, a qual cria novas condições de aprender, o livro didático permanece na centralidade da prática pedagógica e com seu irresistível desejo: o de comunicar-se. Ainda soa muito estranho falar de cultura escolar sem sua presença. Embora frequentemente polemizado, criticado e, às vezes, negado pelos professores, o livro didático, em todos estes séculos, continua sendo um recurso pedagógico privilegiado no ensino (TONINI, 2011, p. 146).

Segundo Resende, citado em Vesentini (1989), explica que o livro didático apresenta saberes definidos, acabados, já prontos, sem qualquer tipo de contestação, desde já, apresentado verdades absolutas, que são tomadas com critérios do conhecimento. Fato que, os estudantes são dirigidos pelo professor a seguirem, uma realidade textualmente ilustrativa que, se faz contrária ao cotidiano dos mesmos, assim afirma Resende:

os capítulos - ou melhor os temas – são estanques e sem grande relações entre se. Não há se quer uma integração nos modos ecológicos dos próprios elementos da Geografia física: No máximo de se refere ao fato de que a vegetação X liga-se ao clima Y (mas nunca o contrário que, em certos casos – especialmente na Amazônia – é verdadeiro e fundamental), mas não há uma relação mais estreita, nos moldes de um sistema integrado, entre o relevo, o clima, a vegetação original, os solos e a hidrografia (RESENDE, *in* VESENTINI, 1989, p. 168).

Observa-se, em quanto analise que, os assuntos deixam a desejar nas práticas pedagógicas, porém a ineficácia no ensino não se deve atribuir só ao livro didático. Embora, visto por muitos como “autoritarismo” e responsável por aulas monótonas,

não cabe julgar apenas a ineficiência deste instrumento, mas deve-se levar em conta a atuação dos docentes que insistem em ter o livro didático como a única ferramenta de ensino.

Concordando com Vesentini (1989, p. 167) é possível ter outra visão sobre o livro didático, “o professor pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está a seu serviço, a seu serviço de seus objetivos e propostas de trabalho”.

Então é preciso tratar esse manual como um auxiliador para nortear as aulas, sendo assim, competindo ao mestre utilizá-lo criticamente, fazendo uma relação com outros textos, isto é, discutir com outras informações encontradas em revistas, jornais, músicas, cordéis, poesias, entre outros meios que contribuam para o enriquecimento das aulas do professor, no caso presente, de Geografia.

Em suma, os livros didáticos são muito valiosos para o ensino de modo geral em sala de aula. “O PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) é responsável pela produção, análise, avaliação, seleção e distribuição do livro, de forma gratuita, destinado a todas as escolas públicas” (CALLAI, 2016, p. 288). O que não pode acontecer é o docente restringir a sua proposta metodológica ao livro didático. É necessário que o professor apresente repertório e reavalie as suas práticas.

Callai destaca outras questões que tem engessado o ensino de Geografia, ao afirmar que, “o problema não é do livro e talvez nem seja do professor, mas é resultado de uma histórica condução que baliza o ensino de Geografia” (CALLAI, 2016, p. 297). Nesse sentido, percebe-se que o problema da educação brasileira é algo estrutural, que passa pela negligência dos governos com a educação básica e superior, visto na falta de infraestruturas das escolas, formação adequada dos professores, por outro lado, docentes acomodados, famílias cada vez mais desestruturadas.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo são apresentados os principais resultados da presente pesquisa, bem como as discussões acerca dos mesmos. Assim, iniciamos trazendo a importância do uso de imagens na sala de aula para reforçar o aprendizado no ensino de Geografia; na sequência são relatados os olhares geográficos dos discentes autores, na construção das fotografias e a sua compreensão.

### 4.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA E O USO DE IMAGENS NA SALA DE AULA

À guisa de informação, o uso de imagens, figuras, mapas, fotografias, gráficos, quadros e tabelas sempre foram utilizados como recurso de aprendizagem na sala de aula. Para complementar e enriquecer tais aprendizados, os recursos tecnológicos atuais têm exercido um grande diferencial, envolvendo dinâmicas metodológicas na maneira de ensinar, em todos os ramos do conhecimento, sendo o profissional da Geografia aquele que mais se beneficia destes recursos, desde que tenha possibilidades de praticá-las com os seus estudantes.

De maneira instigante, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 262), nos convidam a refletir sobre a ação e função do docente em sala de aula. Eles consideram que “o professor tem um papel importante nesse processo como mediador entre o aluno e a informação recebida, promovendo o “pensar sobre” e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar”. Nesse sentido, cabe ao professor oferecer as condições de aprendizagem aos estudantes, ao se utilizarem de todos os recursos possíveis na facilitação deste aprendizado, permitindo-os compreender os fatos produzidos socialmente nos espaços.

A respeito das mudanças no ensino da disciplina de geografia, Carlos (2008 p. 42) ressalta que vários docentes “insatisfeitos com o modelo tradicional e pouco produtivos da Geografia escolar” e pressionados pela necessidade de ensinar, educar e explicar a realidade que nos cerca”, vem tentando inserir novas metodologias a fim melhorar o seu fazer docente em sala de aula. Trata-se de uma tentativa de superar a imagem conservadora desta matéria. Kaercher (2003, p. 222), reforça que “é preciso haver também uma postura renovada de maior diálogo, não só entre professor e aluno, mas como o próprio conhecimento”.



A superação do abismo entre a relação professor e aluno perpassa pelo processo de ensino-aprendizagem, o que remete refletirmos sobre os instrumentos metodológicos introduzidos e de que forma e em que frequência ocorrem. Contudo, há uma quebra de paradigma que precisam se efetivar, que pode modificar o conceito de escola e de aula que conhecemos. Os professores precisam estar à frente do movimento de mudanças na docência. Os instrumentos tecnológicos, por exemplo não podem ser estranhos aos professores, sobretudo os de Geografia.

De acordo com Mosé (2013, p. 23) a sociedade atual já nasceu como sociedade da informação, está interligada às redes sociais e se tornou “sociedade do conhecimento, porque produz conhecimento em tempo real”. Trata-se de uma sociedade moderna que rompeu com as antigas estruturas que detinham o poder do conhecimento e, à medida que teve acesso à informação pelos aparelhos tecnológicos (internet, celular, computador, tablete e etc.), lançou luz às novas estruturas do conhecimento. Mediante esses novos tempos, Correa, Fernandes e Paini, (2010) afirmam que:

(...) nesta sociedade cibernética, já não é mais possível às escolas ignorarem tamanho desenvolvimento tecnológico, porém sabe-se das dificuldades, tanto de ordem política como econômica, às quais nossas escolas estão sujeitas. Lembra-se das aulas maçantes de Geografia, como se fazia há décadas, que muitas vezes não passavam de mera repetição de nome de cidades e rios? Destaca-se que as tecnologias estão aí, se o aluno não tem acesso a esse conhecimento na escola, ele busca em outro lugar, não é tratar a tecnologia como algo acabado, e sim como um meio, uma ponte, que conecte o conhecimento a ser apreendido com a realidade vivida. É imprescindível que a escola possa oferecer conhecimento científico-cultural capaz de formar cidadãos sujeitos da história (CORREA, FERNANDES E PAINI, 2010, p.96).

Não restam dúvidas que a docência é uma profissão complexa. Afinal, trabalhar e compartilhar conhecimento para outros indivíduos, no caso específico, crianças e adolescentes, nunca foi uma tarefa simples. A este fato, soma-se o advento das novas tecnologias, que revolucionaram o mundo da informação, que, de certo modo, democratizou um pouco dos conhecimentos acumulados ao longo do tempo. Desta forma o professor precisa se reinventar constantemente, Passini (2010, p. 38) nos dá uma dimensão de como deve ser o “novo professor”.

Sentimos necessidade de inventar um novo professor que conviva com as novas tecnologias e consiga fazer a transposição didática da

Geografia acadêmica para a aprendizagem dos estudantes do ensino básico. É preciso que esse novo professor crie circunstâncias desafiadoras para que os estudantes trabalhem com operações e avancem do conhecimento empírico para o conhecimento sistematizado (PASSINI, 2010, p. 38).

É na escola que boa parte da consciência e concepções dos estudantes é formada, destarte a sua personalidade. Diante de tal questão, é importante que, a formação de professores, os próprios professores, sobretudo a escola enquanto equipamento social, evolua para acompanhar os estudantes, assim tornando a aula capaz de cumprir seu papel de “momento muito rico de significados; toda aula é um acontecimento social e cultural” (PASSINI, 2010, p. 37).

O professor de geografia sobretudo precisa estar atento as mudanças que ocorrem em seu entorno, tendo em vista produzir novos conhecimentos com outros códigos de aprendizagem. “Se essa intencionalidade for assumida pelo professor no âmbito escolar poderá constituir-se em ações concretas para uma prática educativa autêntica” (OLIVEIRA, 2005, p. 15). O professor aparece neste contexto como principal interlocutor entre a Ciência geográfica e os estudantes e vice-versa.

O avanço tecnológico está cada vez mais presente na sala de aula, independente das metodologias dos professores. Sabe-se que parte dos estudantes já tem acesso às mesmas, por meio de aparelhos celulares, *tabletes*, computadores, programas e aplicativos, levando à massificação das informações. Desse modo, o uso de ferramentas tecnológicas, enquanto um recurso pedagógico poderá dinamizar e atrair a atenção para as aulas de Geografia.

É fundamental que as tecnologias disponíveis sejam conhecidas e melhor aproveitadas no ensino escolar, como práticas metodológicas e recursos didáticos durante as aulas. Sant’Anna (2019, p. 5) ressalta que “os professores, portanto, devem pensar e repensar seu método e experiências em sala de aula, com a mudança e a inclusão de novos temas no cotidiano escolar”. Vale destacar que os livros didáticos de hoje trazem em seu conteúdo uma quantidade maior de imagens, sugestões de jogos e aplicativos. Entendemos que estes livros buscam aproximar o conteúdo com o cotidiano do aluno.

Saber aproveitar recursos tecnológicos que já são do conhecimento dos próprios estudantes e que estes indivíduos já adquiriram o prazer de utilizá-los, como é o caso dos aparelhos celulares, poderá ser uma ótima alternativa de variar as metodologias costumeiras em sala de aula, além de concentrar a atenção dos

discentes. Assim, o uso de captura de imagens, fotografias ou linguagem fotográfica pode se configurar tanto como um instrumento quanto como uma metodologia neste processo, para renovar a didática do professor. Mediante tal possibilidade. Silva (2003 *apud* SILVA, 2015) afirma que:

Os PCN's (Propostas Curriculares Nacionais) já têm recomendado para o Ensino Básico o uso das diversas linguagens, como verbal, musical, gráfica e plástica para o ensino-aprendizagem. A utilização destas linguagens condiciona os estudantes dialogar e expressar suas ideias, acessar as produções culturais e interpretar, primeiramente, as partes do mundo, para que depois, compreenda o seu todo. Os PCN's resgatam a subjetividade e valorização da compreensão do mundo simbólico junto com as representações que orientam as relações sociais com o mundo. "Os PCN's resgatam a subjetividade e valorização da compreensão do mundo simbólico junto com as representações que orientam as relações sociais com o mundo" (SILVA, 2003, *apud* SILVA, 2015, p. 9).

De acordo com Oliveira Jr. (2009, p. 10), devemos observar e analisar a fotografia para além da simples descrição da imagem capturada de um dado recorte espacial. A linguagem fotográfica oportuniza interpretar como as relações sociais estão postas e organizadas nos espaços, permitindo aos expectadores uma alternativa a mais para fazer outras reflexões sobre o espaço percebida. Em relação à prática de ensinar com o recurso de imagens, Secatto e Nunes (2013) explicam:

O professor deve ter em mente que a fotografia funciona como um mediador, ela atua na interação entre conhecimentos prévios e novos conhecimentos. Esta interação ocorre de forma dialógica, na qual está presente a ideia de múltiplas vozes, ou seja, os significados das imagens podem variar de acordo com cada indivíduo que faz a leitura (SECATTO E NUNES, 2013, p. 339).

Pode-se considerar que o uso de imagens e fotografias nas aulas de Geografia pode possibilitar o melhor entendimento do conteúdo e gerar maior interesse dos estudantes para a aprendizagem. Desta forma, quando os estudantes são os protagonistas, a partir da autoria de tais imagens ou fotografias, pela eleição de sua própria visão, o seu interesse se torna grandioso, uma vez que a imagem é resultado de sua participação direta na construção do conhecimento. Assim, o aluno deixa de ser um mero espectador para ser o ator principal do seu aprendizado.

Assim foi o que aconteceu durante a elaboração da presente pesquisa, com estudantes do Centro Educacional Osmar de Aquino, localizado na cidade de Guarabira/PB.

## 4.2 CARACTERIZAÇÃO GERAL DO CENTRO EDUCACIONAL OSMAR DE AQUINO (CEOA), GUARABIRA/PB

O Centro Educacional Osmar de Aquino (CEOA) está localizado na cidade de Guarabira/PB região intermediária de João Pessoa/PB. Este estabelecimento se organiza fisicamente da seguinte forma, o departamento administrativo se subdivide em várias estruturas, uma (1) sala para direção, uma (1) sala de secretaria, uma (1) sala de professores, (1) um laboratório de informática (desativado).

Para os estudantes, há 2 (dois) banheiro feminino e 2 (dois) masculino, ambos com acesso a portadores de necessidades, são 12 (doze) salas de aulas. Foram matriculados em torno de 548 estudantes que estão do Ensino Fundamental, um (1) pátio coberto, um (1) almoxarifado, uma (1) dispensa, uma (1) cantina.

O CEOA Conta com um (1) ginásio poliesportivo, dois (2) bebedouros e, por fim, uma (1) biblioteca que funciona durante os dois turnos e oferecia, no geral, a possibilidade de pesquisas, logo fornecendo atendimento a classe alunada e apoio didático-pedagógico aos professores. Embora desta apresentar um acervo mínimo para a realidade de estudantes da escola.

A grade curricular do CEOA é composta pelas seguintes disciplinas: Ensino Fundamental: Língua Portuguesa, Matemática, Arte, Inglês, Ciências, Educação Física, Geografia, História e Formação para Vida;

O quadro de funcionários do CEOA é composto por aproximadamente 40 funcionários no total, entre professores, gestores, auxiliares e coordenador pedagógico.

Tendo em vista, a função da organização do currículo do CEOA e da prática docente, é importante considerar pontos, como conhecimento prévio da escola e das relações (professor-aluno, método-didática e conteúdo-metodologia e etc.) que se constrói no espaço escolar.

A partir disso, o Programa de Residência Pedagógica (PRP) expressa ser fundamental não só apenas para os graduandos de Geografia, mas também, para todos os cursos superiores. Portanto, esta prática educativa, tem por excelência, oportunizar os futuros professores a viverem um pouco o exercício da vida docente no respectivo local de trabalho.

Nesse sentido apresentamos como os olhares geográficos dos estudantes podem aparecer em representações fotográficas, e como essas podem gerar a

construção de novos conhecimentos na Geografia. Durante a execução prática do PRP No CEOA, pode-se perceber que a modalidade de ensino produzida estava baseada na adoção de metodologias, onde a professora, a qual acompanhávamos, buscava relacionar instrumentos que viessem contribuir para a ampliação dos conhecimentos dos estudantes a partir do conteúdo a ser discutido.

O educador precisa saber manusear as diversas ferramentas de auxílio didático quando empregados nas práticas de ensino.

É importante que sejam utilizados métodos que não se prendam ao tradicional, ao ensino engessado com didáticas monótonas e livros com conteúdos distantes da realidade social de cada indivíduo. Porém, que sejam práticas socializadas, isto é, com uma construção intelectual coletiva, por meio da interação professor/aluno/conteúdo – produzindo conhecimentos – na construção do senso-crítico reflexivo de ambos os sujeitos.

Existem grandes variedades de mecanismos e alternativas que facilitam a troca de conhecimentos. Desse modo, fazer uso de ferramentas que façam ou estejam presentes na vida dos estudantes, ou seja, que eles já tenham conhecimento torna-se de grande valia para aliar a tecnologia ao desenvolvimento educacional. Sem falar que inserir outras ferramentas chama rapidamente a atenção dos estudantes pelo fato de sair daquela rotina pedagógica, orientada pelo livro didático, quadro e caneta ou giz, sem maiores de diálogos entre as partes.

Somente a título de exemplo, o rádio, a televisão e os computadores, que trouxeram a *internet*, as redes sociais, os jogos e inúmeros aplicativos que a sociedade atual se utiliza oferecem imensas possibilidades inovadoras ao professor e ao aluno. Cabe trabalhar com esses recursos de maneira crítica, levando o aluno a usá-los de forma ativa (CARLOS, 2008, p. 30-31).

Como um mecanismo de ajuda a compreensão da atividade proposta, na abordagem do conteúdo citado tive a oportunidade de demonstrar na prática como seria realizada a atividade proposta através dos arredores da escola.

No primeiro momento foi realizado uma exploração prévia com os estudantes afim de conhecer a qual realidade eles estavam inseridos, se moravam na área urbana ou rural, buscando saber quais os conhecimentos tinham sobre a temática “Biomassas do Brasil: caatinga, campos e pampas. Consequente, utilizamos o livro didático no intuito de correlacionar as imagens expostas e melhor compreender o tema (ver figura 1). Neste momento algumas inquietações surgiram por parte dos estudantes.

**Figura 1:** Exploração prévia com os alunos



Fonte: Arquivo do (a) autor (a), 2019

Na figura 1 foi realizado uma exploração prévia com os alunos para que eles pudessem perceber seus conhecimentos prévios e a realidade onde estavam inseridos. Investigou-se quantos alunos residiam na zona rural e quantos na zona urbana. O interesse em saber o lugar onde eles moravam foi dado a nossa própria necessidade prever os possíveis tipos de paisagens que eles poderiam nos trazer. Foi utilizado também o conteúdo do livro didático como suporte teórico aliado a outras leituras que discutiam a temática.

No segundo momento, convidei a turma para irmos até a frente da escola, onde tínhamos uma visão privilegiada para observarmos a Serra da Jurema (localizada ao lado do Centro Educacional Osmar de Aquino). Ali pude fazer uma melhor correlação com o tema da aula, usando o tipo de vegetação da Serra da Jurema como um exemplo mais próximos dos estudantes. O primeiro questionamento por parte de um dos alunos foi o que tinha haver com a aula? então pude demonstrar para eles alguns elementos relevantes sobre as construções de casas aos arredores, e apontei um dos temas em discussão: a *vegetação de caatinga*. Os questioneei primeiramente sobre a cor da vegetação que eles enxergavam. Feito esta pergunta muitas respostas surgiram, como: cinza, marrom, verde, branca. E ali criou-se uma ponte para que eu os explicasse qual a origem do nome Caatinga (Figura 2).

**Figura 2:** Momento em frente da escola

Fonte: Arquivo do (a) autor (a), 2019

Outros questionamentos foram levantados pelos alunos; por que em alguns pontos da Serra a vegetação era verde e outros não? Mais uma vez demos uma breve explicação, enfatizando os fatores climáticos e de relevo, tendo em vista chegar ao norte da nossa proposta. Neste momento levamos em média 20 minutos da aula para tais abordagens e questionamentos. Esta foi uma situação interessante porque os alunos não tinham muito conhecimento sobre a Serra da Jurema, sem falar que eles nunca ouviram falar dos condicionantes climáticos e do relevo local.

O terceiro momento constitui-se na triagem de quem tinha acesso ao aparelho celular e/ou máquina fotográfica no seio familiar. Mais de 90% dos estudantes disseram ter acesso aos celulares dos seus responsáveis (os pais), assim como as máquinas fotográficas eram destes. Um fato importante foi tomar conhecimento de ser uma norma interna do CEOA a proibição do uso dos aparelhos celulares naquele ambiente educacional.

Ao saber desta norma, tivemos de orientar os estudantes a fazerem as fotografias no trajeto de casa para a instituição de ensino, e não necessariamente dentro dela. A redefinição do trajeto ao qual os estudantes poderiam fazer as fotografias constitui-se o terceiro momento da nossa atividade. Eles tiveram 10 dias

para execução desta tarefa, que culminaria com a exposição das fotografias e também das maquetes. Esse momento foi marcado pela curiosidade dos estudantes em perceber que seus aparelhos de *smartphones* seriam úteis para a aula de Geografia.

Para melhores esclarecimentos, Libâneo (1998) afirma que:

As mudanças tecnológicas terão um impacto cada vez maior na educação escolar e na vida cotidiana. Os professores não podem mais ignorar a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, o telefone, o fax, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem, de lazer, porque há tempos o professor e o livro didático deixaram de ser as únicas fontes do conhecimento. Ou seja, professor, estudantes, pais, todos precisamos aprender a ler sons, imagens, movimentos e a lidar com eles (LIBÂNEO, 1998, p. 40).

A tecnologia chega na educação escolar como uma ferramenta revolucionária, a qual professores, pais e estudantes devem estar cada vez mais atentos à utilização desse recurso em sala de aula como um aliado que venha estimular e contribuir para o aprendizado. E os aparelhos celulares e a linguagem fotográfica fazem parte do mesmo universo tecnológico.

O quarto momento da prática foi a entrega e exposição das fotografias. Como já foi enunciado, poucos cumpriram, visto que apenas quatro estudantes trouxeram suas fotografias - bem orgulhosos, diga-se de passagem. Os demais que não as trouxeram solicitaram uma nova data para trazer o material fotográfico exigido. Pelo prazo de exposição não teríamos mais tempo, mas poderíamos realizar um novo projeto, com maiores participações. De qualquer modo, isso não impediu que a exposição acontecesse, tampouco de produzir um rico debate em torno da percepção dos estudantes que apresentaram suas fotografias.

Corroborando com o pensamento de Secatto e Nunes (2013), a linguagem fotográfica permitiu aos respectivos estudantes diferentes interpretações em relação às fotografias apresentadas, o que rendeu também um debate caloroso devido a pluralidade das imagens selecionada na exposição.

No quinto e último momento onde foi realizada as exposições fotográficas na culminância do CEOA, foram destacadas três visões “distintas”, em que tivemos de mediar o diálogo, trazendo exemplos para esclarecer cada percepção adquirida. Evidentemente, as percepções e compreensões construídas pelos estudantes em relação ao assunto ao qual se buscou articular com a linguagem fotográfica, seguiu de uma abordagem orientada ao cotidiano dos estudantes (ver figura 3).



**Figura 3:** Imagem de uma árvore disputando espaço com o concreto dos prédios.



Fonte: Arquivo do (a) autor (a), 2019.

Na figura 3, o aluno/autor (tratado como Aluno A) salienta que buscou destacar elementos da paisagem natural presente no meio urbano, isto é, a permanência de uma árvore que, em sua visão, vem “disputando” o espaço com os prédios ao lado direito e com o avanço da cidade. O aluno buscou observar a árvore, atribuindo uma relação com a Geografia, ou seja, por tratar-se justamente de um elemento natural da natureza ao qual lhe permitiu registrar. E nesta perspectiva, reconstruímos alguns pensamentos que não alcançaria o contexto geográfico na percepção do aluno.

O registro fotográfico do aluno/autor nos permitiu analisar alguns fatores relevantes, como: a localização da árvore em uma área de expansão imobiliária? Todavia, supõe-se que sua permanência neste local especificamente seja uma questão de tempo para que o crescimento da cidade substitua a árvore por concreto (casa ou prédios). A partir desta fotografia fomos além do que para eles representa a “Geografia”, exemplificando e demonstrando que as áreas ao redor também fazem parte do espaço geográfico, relatando os fatores indissociáveis que estão nesse conjunto.

Conforme Santos (2008, p. 27) “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outros, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”. Esta relação deve ser feita e iniciada junto ao discurso da paisagem geográfica desde os anos iniciais afim de promover um conhecimento abrangente do aluno sobre a temática.

Não obstante, concordamos com Cavalcanti (2008) que ressalta uma das dificuldades na formação inicial que em geral ela tem sido bastante marcada pela aprendizagem de conteúdos teóricos da Geografia acadêmica. Ou seja, faz-se necessário que ampliemos as reflexões ao contexto da sala de aula para que haja uma troca de conhecimentos entre aluno/professor e professor/aluno.

Para tanto, o aluno/autor da fotografia (tratado como Aluno B), demonstrou interesse ao mesmo que tempo em que se sentiu “útil” por contribuir de alguma maneira para a discussão naquele momento em sala. Como podemos ver nesta fotografia, uma mistura de sentimentos é atribuída pela estudante a esta paisagem, trazendo para o debate as percepções de lugar, ao dizer ser “a árvore mais bonita de onde ela mora”.

**Figura 4:** A árvore mais bonita do meu sítio (intitulada pelo aluno/autor B).



Fonte: Arquivo do (a) autor (a), 2019.



Para o aluno/autor, a fotografia 4, representa alegria. Sempre que ela passa pelo período de floração é motivo de alegria, afirmou. Ainda fez a seguinte pergunta: “mas essa foto serve?” a resposta foi imediata, sim. Aqui voltamos a refletir e insistir na abrangência da Geografia e suas abordagens de ir em busca de várias temáticas, inclusive o clima, particularmente da nossa região Nordeste e sua influência posteriormente na vegetação, no solo, no ar, entre outros.

Secatto e Nunes (2013) ressaltam que “a fotografia funciona como um mediador entre conhecimentos prévios e novos conhecimentos, interação que ocorre de forma dialógica”. Concordando com os autores, faz-se necessário que impulsionemos a percepção crítica e reflexiva do alunado. Assim descreve Kaercher (2003): “converso e aprendo com vocês, pois o objetivo maior é que nossa docência seja sempre mais qualificada e que ajude a nos encontrarmos como docentes e, principalmente, como seres humanos”.

A cada fotografia uma oportunidade de repensarmos e compartilharmos com essa nova geração conhecimentos diversos, os quais nos impulsionam a rever a nossa trajetória no campo da educação.

**Figura 5:** A realidade na minha escola (CEOA, Guarabira/PB) na visão do (a) aluno/autor C.



Fonte: Arquivo do (a) autor (a), 2019.

Ao ver esta fotografia, pulsa no imaginário do professor um conjunto de possibilidades para abordá-la. Antes de tudo, levamos os estudantes a indagar e perceber o que poderia ser analisado nesta foto, dentro da perspectiva geográfica. Além de práticas que reciclem e nos leve a preservação do meio ambiente, as flores e as árvores foram pontos bastante explorados pelos estudantes. Junto a isto, outros questionamentos surgiram e durante a nossa observação trocamos algumas ideias da relação fotografia e ensino.

Consoante Kaercher (2013, p. 78) “o conhecimento precisa estar a serviço da coletividade para que, juntos, possamos trocar ideias e experiências, fazendo da sala de aula um local de crescimento e desafios constantes”. Para Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 264) “é oportuno que o professor da disciplina saiba lidar com as diferentes linguagens utilizadas para a análise geográfica e tenha domínio das novas tecnologias para seu posterior uso com os estudantes”.

Percebemos que a linguagem aqui discutida, aliada à tecnologia e seu avanço, se faz necessária como recurso pertinente, de compreensão e estímulo crítico do aluno, onde faz com que o mesmo passe a analisar ao seu redor a paisagem e observar quais fatores podem ser relacionados na sala de aula. Os autores supracitados ainda pontuam que:

Na era da globalização, em que as informações chegam de forma muito rápida por meio da televisão, do cinema, do rádio, do vídeo, do computador, o trabalho pedagógico do professor enriquecer-se-á se ele utilizar todos esses recursos para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a compreender o mundo em que vive (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2009, p. 263).

Ao mesmo tempo em que buscamos perceber na fotografia os seus potenciais didáticos, oferecemos aos estudantes a oportunidade de serem protagonistas de suas próprias informações e utilizá-las em sala, ressaltando a importância dos mesmos enquanto geradores do conhecimento.

No quinto e último momento, apresentamos as fotografias que os estudantes trouxeram para serem expostas, tendo em vista instigar os estudantes a uma postura mais crítica da realidade, partindo, sobretudo, de sua realidade local, isto é, daquilo que eles observam cotidianamente (Figura 6).

O entusiasmo destes estudantes é suficiente para produzirmos uma análise mais profunda deste trabalho. As imagens apresentadas serviram de base para endossar o debate sobre a linguagem fotográfica, para a construção do conhecimento

e a flexibilização do processo de ensino aprendizagem como a mencionada turma, tornando as aulas mais didáticas, que era o nosso principal objetivo.

**Figura 6:** Aluno/autores e exposição de suas obras fotográficas, no CEOA, Guarabira/PB.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Conforme Kaercher (2013, p.28) fica como legado que é “tarefa da Geografia: desnaturalizar o que parece que “sempre foi assim”. Mostrar que, o que sempre foi assim é uma construção histórica, social, intencional e que, portanto, pode ser transformada. É desta transformação que precisamos nos policiar e acreditar que relacionar os saberes obtidos no dia a dia e os recursos, ainda é uma grande estratégia em sala de aula.

Desse modo, olhar atentamente as ruas e como elas interagem com os objetos no espaço será uma tarefa mais cuidadosa por parte destes. Colaborar com essa experiência foi um momento ímpar. Parafraseando Brasil (2006, p.51) onde ressalta que, a aprendizagem se torna contínua a partir do momento em que damos significado e tornamos referência do conteúdo à realidade do aluno, colocando o conhecimento que o mesmo traz consigo a partir de sua vivência como recurso em sala de aula.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da prática ocorrida com estudantes do CEOA, é possível tecer as seguintes considerações:

- A fotografia, enquanto linguagem de interpretação visual, oportuniza o professor a fazer diferentes abordagens, contextualizando determinadas paisagens locais com os conteúdos trabalhados em sala de aula. No decorrer da realização da atividade, percebemos o quão curiosos e atentos os estudantes ficaram, sobretudo quando explicamos como os elementos naturais e sociais identificados nas paisagens fotografadas pode ser estudado pela Geografia;
- A inovação do ensino de Geografia nos provoca a refletir e repensar a prática do “fazer docente”, e isso perpassa pela renovação dos instrumentos e as metodologias aplicadas. É nesse sentido que o uso da linguagem visual fotográfica deve caminhar;
- Embora tenha sido pequeno o número de fotografias apresentadas na exposição, com as poucas mostradas produziu-se debate conjunto, contando com a participação de toda a turma. Durante a exposição percebemos que os estudantes se sentiam importantes, estimulados, orgulhosos com os resultados das suas fotografias, das possibilidades interpretativas e as diferentes percepções oferecidas;
- Certamente teríamos melhores resultados, se a maioria dos estudantes pudessem cumprir com o exercício. O fato de o aparelho celular ser proibido na escola dificultou o desenvolvimento desta atividade, visto que ficaram inviabilizados de trazer as fotografias para exposição;
- Acreditamos que renovação do ensino, sobretudo geográfico, não se faz sem a interação com as tecnologias, que já são bem presentes na vida da maioria dos estudantes. Além disso, a direção escolar mostrou-se desinteressada com a nossa proposta, situação reveladora do processo de engessamento do ensino de Geografia, uma vez que o espaço escolar, onde se configura um ambiente de aprendizagem, não está aberta a outras metodologias;

- A utilização da linguagem visual fotográfica pode ser tratada como um recurso metodológico de grande potencialidade no processo de ensino-aprendizagem. A sua operacionalização leva o aluno desenvolver a sua criticidade para com as realidades vividas, seja no cotidiano escolar, familiar, social e outros;

- Ainda pontuamos que a Geografia passou e passa por transformações constantes ao longo do tempo. Mas parece que um dos principais desafios para o ensino de Geografia é passar com qualidade, em menos tempo e conectar a Geografia acadêmica com a Geografia escolar, talvez esse seja o desafio principal dos novos professores que as universidades estão formando.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Ciências Humanas e suas tecnologias.** Brasília: MEC, 2006.

CALLAI, Helena Copetti. O livro didático permite e oportuniza a democratização do conhecimento? In: SPOSITO, Eliseu Savério; SILVA, Charlei; SANT'ANNA NETO, João; MELAZZO, Everaldo. (Orgs.). **A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação.** Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016, p. 287-306.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Geografia Na Sala De Aula.** 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 83-131.

CAVALCANTI, L. S. **A Geografia escolar e a cidade.** Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. São Paulo: Papyrus, 2008.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva socioconstrutiva.** In: Geografia e Práticas de Ensino. Goiânia: Alternativa, 2002. p.71-100.

CORREA, M. G. G. FERNANDES, R. R. PAINI, L. D. Os avanços tecnológicos na educação: o uso das geotecnologias no ensino de geografia, os desafios e a realidade escolar. **ActaScientiarum. Human and Social Sciences.** Maringá, v. 32, n. 1 p. 91-96, 2010.

KAERCHER, André Nestor. **O gato comeu a Geografia crítica?** alguns obstáculos a superar no ensino – aprendizagem de Geografia. In: Pontuschka, Nidia Nacib. OLIVEIRA, Geografia em Perspectiva: Ensino e pesquisa.3 ed. São Paulo. Contexto, 2006.

KAERCHER, N. A. O gato comeu a geografia critica. Alguns obstáculos a superar no ensino e aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHAKA, N. N.; OLIVEIRA. A. V. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa.** São Paulo: 3º ed. 2006 p.221-231.

KAERCHER, Nestor André. Hércules, Sísifo, Atlas eram professores? Garrafas e muitas dúvidas mais na formação de professores. In: AIGNER, Carlos; LINDAU, Heloísa. et al. (Orgs.). **Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 75-103.

KAERCHER, Nestor André. Os movimentos que meus mestres mim ensinam: ddd's, signos, alimentos, escadas, luzes, grenais. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André, et al. (Orgs.). **Movimentos no ensinar geografia.** Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013, p. 13-33.

KIMURA, Shoko. **Geografia No Ensino Básico: questões e propostas.** São Paulo: Contexto, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **ADEUS PROFESSOR, ADEUS PROFESSORA?: novas exigências educacionais e profissão docente.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.



MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.23.

OLIVEIRA JR, Wenceslao M. de. Fotos em sites: Geografias da cultura contemporânea. **Geografares**, n.7, 2009, p. 09-21.

OLIVEIRA, M. M. **A geografia escolar: reflexões sobre o processo dedático-pedagógico do ensino**. Revista discente expressões geográficas, nº 2, Florianópolis: SC, junho/2005. p. 10-24. Disponível em [www.cfh.ufsc.br/exprgeograficas](http://www.cfh.ufsc.br/exprgeograficas) Acesso as 23:55 em 28.09.2012.

PASSINI, Elza Casulo, et al. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2ª ed. Contexto, São Paulo: 2010.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib.; PAGANELLI Tomoko Iyda, CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANT'ANNA, Paulo Sergio Pereira De. O Uso Do Sensoriamento Remoto Como Ferramenta No Ensino De Geografia No Ensino Médio. Anápolis, 2009. Disponível em: acesso em: 20 de nov. 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4ª edª. São Paulo: Hucitec, 2008.

SECATTO, Ana Gláucia; NUNES, Flaviana Gasparotti. A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: considerações a partir de práticas docentes no Ensino Médio. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva (Org.). **(GEO)GRAFIAS E LINGUAGENS: concepções, pesquisa e experiências formativa**. Curitiba, PR: CRV, 2013, p. 392.

SILVA, Edson Severino Campos da; SILVA, José de Arimateia de Oliveira; JÚNIOR, João Dantas de Luna; SANTOS, Claudemir Martins dos; VILAR, Juliana Leopoldino. A INSERÇÃO DA MÚSICA COMO METODOLOGIA DIDÁTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PRÁTICA A PARTIR DO PIBID NA E.E.E.F.M. PROF. JOSÉ DE CARVALHO, GUARABIRA/PB. Campina Grande-PB: **II CONEDU**, 2015, p. 9.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES Universidad de Barcelona, Nº 93, 15 de julio de 2001.

TONINI, Ivaine Maria. Livro didático: textualidades em rede? In. CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine M; KAERCHER, Nestor A (Orgs.). **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

VESENTINI, José William. **Geografia e ensino: textos críticos**. Campinas- SP: Papyrus, 1989, pp, 201.